

O que fizemos de nós? A Geração de 1968, quatro décadas depois, em *Azul-corvo* e *Nada a dizer*

What Have We Done With Ourselves? The Generation of 1968, Four Decades Later, in Azul-corvo and Nada a dizer

Luís Roberto de Souza Júnior*

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUC-RS

45

RESUMO: Em *1968: o ano que não terminou*, Zuenir Ventura afirma que a juventude dos anos 1960 achava que tudo devia se submeter ao político: o amor, o sexo, a cultura, o comportamento. Para o escritor, nenhuma geração depois daquela lutou tão radicalmente por seu projeto. O presente artigo mostra como aqueles jovens são retratados quatro décadas mais tarde, como personagens ficcionais, nos romances *Azul-corvo*, de Adriana Lisboa, e *Nada a dizer*, de Elvira Vigna. Na análise de *Azul-corvo* ressaltamos a importância da obra na construção de uma memória histórica da Guerrilha do Araguaia, a partir de aportes teóricos de Hayden White, Michel de Certeau, Seymour Menton e Maria Cristina Pons. Em *Nada a dizer*, radiografamos a relação amorosa entre os personagens principais sob o viés de Zygmunt Bauman, além de utilizarmos Paul Ricoeur para tratar do papel da memória no romance de Elvira Vigna.

PALAVRAS-CHAVE: Romance brasileiro contemporâneo. Zuenir Ventura - *1968: o ano que não terminou*. Adriana Lisboa - *Azul-corvo*. Elvira Vigna - *Nada a dizer*. Geração de 1968 - Tema literário.

ABSTRACT: In Zuenir Ventura's *1968: o ano que não terminou*, it's said that the youth of the 1960s thought everything had to be submitted to the political: the love, sex, culture, behavior.

* Doutor em Teoria da Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS).

For Ventura, no generation after that so radically fought for its project. This article shows how the youth of the 1960's is represented four decades later as fictional characters in the novels, *Azul-corvo* by Adriana Lisboa and *Nada a dizer* by Elvira Vigna. In the analysis of *Azul-corvo*, based on Hayden White, Michel de Certeau, Seymour Menton and Maria Cristina Pons, it's emphasized the importance of this book in constructing a historical memory of the Araguaia Guerrilla Force. Regarding *Nada a dizer* we analyze the romantic relationship between the main characters based on Zygmunt Bauman's considerations. Also, it's discussed the role of memory in Elvira Vigna's novel, and for that Paul Ricoeur is quoted.

KEYWORDS: Contemporary Brazilian Novel. Zuenir Ventura - *1968: o ano que não terminou*. Adriana Lisboa - *Azul-corvo*. Elvira Vigna - *Nada a dizer*. Generation of 1968 - Literary Subject.

Introdução: os limites do horizonte

No clássico do jornalismo literário brasileiro *1968: o ano que não terminou*, Zuenir Ventura faz um retrato daquele ano no qual “o Brasil e o mundo viveram um tempo apaixonado e apaixonante” (VENTURA, 1988, p. 12). Foi um ano simbolizado pelas revoltas que uniram estudantes e trabalhadores para protestar. Na Tchecoslováquia, a “Primavera de Praga” foi composta por manifestações contra o regime patrocinado pela União Soviética, pregando um “socialismo mais humano” (e sofrendo repressão de tanques enviados por Moscou); nos EUA, além de se intensificarem os atos contra a Guerra do Vietnã, despontava o movimento *hippie*; na França, mais de um milhão foram às ruas contra as medidas do presidente Charles de Gaulle, no célebre “Maio de 68”. Enquanto isso, no Brasil, os protestos eram principalmente contra a ditadura. Quatro anos antes, os militares haviam deposto o presidente João Goulart, e o regime endurecia cada vez mais.

O livro de Ventura começa numa festa de *réveillon*, a de 1967 para 1968, na casa da hoje conhecida acadêmica Heloísa Buarque de Hollanda. Vários estudantes e intelectuais de esquerda conversavam ali sobre suas expectativas para o ano que começaria em poucos minutos. Entre eles, poderiam estar personagens de dois romances brasileiros publicados em 2010: *Azul-corvo*, de Adriana Lisboa, e *Nada a dizer*, de Elvira Vigna.

Azul-corvo narra a jornada de Evangelina, a Vanja, uma adolescente de 13 anos que, após a morte da mãe, volta aos Estados Unidos, onde nasceu, para morar com Fernando, ex-marido de sua genitora. Fernando foi da Guerrilha do Araguaia, movimento dos anos 1960 e 70, inspirado pelas revoluções cubana e chinesa, e que pretendia derrubar a ditadura e instaurar o socialismo no Brasil.

Nada a dizer é a versão de um adultério contada pela mulher traída. A narradora e seu marido, Paulo, viveram intensamente os anos 1960 e 70, experimentando as revoluções políticas e comportamentais. Quando descobre que ele tem uma amante, ela se questiona se valeu a pena ter escolhido uma vida alternativa em relação aos valores burgueses.

Ventura (1988, p. 14) afirma que a juventude dos anos 1960 achava que tudo devia se submeter ao político: o amor, o sexo, a cultura, o comportamento: “Poucas – certamente nenhuma depois dela – lutaram tão radicalmente por seu projeto, ou por sua utopia. Ela experimentou os limites de todos os horizontes: políticos, sexuais, comportamentais”.

De acordo com o autor, 1968 não terminou porque as convulsões daquele hoje quase mítico ano deixaram marcas na sociedade, mudando – e moldando – seus hábitos e comportamentos. 1968 também não teve fim porque no dia 13 de dezembro o governo do general Costa e Silva baixou o Ato Institucional nº 5 (o famigerado AI-5), dando poder de exceção aos governantes militares para punir arbitrariamente os que fossem considerados inimigos do regime. Se o ano ficou eternizado por suas consequências, algumas positivas, outras nefastas, os jovens daquela época aprenderam a lidar com elas e seguiram em frente – exceto os que foram impedidos pela repressão da ditadura.

Neste artigo vamos mostrar como esses jovens do mundo real, agora respeitáveis senhores e senhoras à beira da velhice, são retratados no mundo

da ficção¹, quatro décadas mais tarde, em *Azul-corvo* e em *Nada a dizer*. Enfatizaremos também a importância da obra de Adriana Lisboa na construção de uma memória histórica da Guerrilha do Araguaia, embasando-nos em teóricos como Michel de Certeau, Seymour Menton e Maria Cristina Pons. E teceremos considerações sobre o papel da memória em *Nada a dizer*, citando Paul Ricoeur, além de analisarmos, sob o viés de Zygmunt Bauman, a relação amorosa descrita no romance.

Murmúrios do Araguaia

Uma série de historiadores e filósofos contemporâneos - Hayden White, Michel de Certeau, Paul Ricoeur, por exemplo - se opõem ao cientificismo da historiografia, pois o cientificismo resultaria numa história baseada em fatos indiscutíveis. Hayden White (1995, p. 11) trata o trabalho histórico como “uma estrutura verbal na forma de um discurso narrativo em prosa”. Para ele, os historiadores reúnem dados sobre o que teria ocorrido no passado e combinam conceitos teóricos para explicar esses dados através da narrativa, por isso todo trabalho historiográfico apresenta “conteúdo estrutural profundo que é em geral poético e, especificamente, linguístico em sua natureza”.

Podemos aproximar essas considerações com o pensamento de Michel de Certeau (2000, p. 81), que define a narrativa histórica como uma versão pensada e construída por uma série de princípios e técnicas que o historiador segue e utiliza: “Em história, tudo começa com o gesto de separar, de reunir, de transformar em ‘documentos’ certos objetos distribuídos de outra maneira. Essa nova distribuição cultural é o primeiro trabalho”.

¹ Optei pelo uso de “retratar no mundo da ficção” como sinônimo de representar, no sentido definido por Carlos Reis (2001) de que a representação sempre mantém uma correspondência entre o espaço representado e o mundo real, apesar de também sempre “operar uma refiguração ficcional” (REIS, 2001, p. 81).

Certeau fala da História – com agá maiúsculo –, mas a definição serviria para a história – com agá minúsculo –, a sequência de ações encadeadas para formar uma narrativa ficcional. Podemos dizer que ele nos faz enxergar uma certa ficcionalidade da História.

Por sua vez, os estudiosos do romance latino-americano das últimas décadas, como Seymour Menton (1993) e Maria Cristina Pons (1996) chamam a atenção para a maneira como a ficção vem “reescrevendo a História”. Se Certeau nos diz que a História não é o espelho do real, os estudiosos concordam entre si que hoje em dia a narrativa ficcional na América Latina revela lacunas e questionamentos da historiografia oficial.

Menton (1993, p. 14) aponta um “novo romance histórico”, que reinterpreta os fatos do passado com outros olhos, livres das amarras conceituais da História, e que esse tipo de obra ganhou importância, constituindo um subgênero a partir dos anos 1970. Menton leu e analisou 367 romances históricos hispano-americanos publicados entre 1949 e 1992 para redigir o estudo *Latin America's new historical novels*. Menton (1993, 16) considera um romance como histórico se os fatos narrados situam-se predominantemente num passado que não tenha sido vivido diretamente pelo autor².

Maria Cristina Pons (1996, p. 16) afirma que o romance histórico do fim do século 20, de fato, distancia-se do modelo tradicional tanto no que diz respeito aos aspectos formais de sua narrativa quanto à posição que adota frente à História e à historiografia.

Em *Memorias del olvido*, Pons analisa quais são as implicações e o alcance dessa produção literária como resposta às condições sócio-históricas e ao esgotamento, ou inoperância, de certas linhas de pensamento e formas de

² “[...] those novels whose action takes place completely (in some cases, predominantly) in the past - arbitrarily defined here as a past not directly experienced by author” (Tradução nossa).

expressão (literárias e históricas) prevalentes no momento em que os romances foram escritos. Segundo a estudiosa,

De fato, alguns desses romances históricos fazem refletir sobre a possibilidade de conhecer e reconstruir o passado histórico; outros recuperam os silêncios ou o lado oculto da História, enquanto outros apresentam o passado histórico documentado e examinado a partir de uma perspectiva diferente, desfamiliarizadora (PONS, p. 1996, 16)³.

Não há maneira de classificar *Azul-corvo* como um romance histórico propriamente dito. Os fatos são narrados por Vanja aos 22 anos, em 2010. Ela conta sua mudança para os Estados Unidos, aos 13 anos – portanto, em 2001 – para morar com Fernando:

Oficialmente Fernando era meu pai e meu guardião. Quando minha mãe engravidou de meu pai de verdade, um americano, sumiu da vida dele, e quando eu nasci ela telefonou do Novo México para o Fernando, seu ex-marido, que vivia num estado ao norte e seis horas de carro dali, no Colorado (LISBOA, 2010, p. 68).

Vanja acabara de perder sua mãe e foi para os Estados Unidos em busca de seu “pai de verdade” – este é o fio principal da narrativa, que não se encaixa em nenhuma das características do romance histórico. Porém, ao inquirir Fernando sobre o passado dele e depois narrar esse passado, Vanja toca num dos pontos mais controversos da História recente brasileira: a Guerrilha do Araguaia. Pois: “Fernando saiu de casa e foi estudar técnicas de guerrilha em Pequim, depois se mudou para a base guerrilheira da Faveira, no Araguaia. Isso aconteceu duas décadas antes do meu nascimento” (LISBOA, 2010, p. 73).

O treinamento da guerrilha se deu na região amazônica, ao longo do rio Araguaia, entre fins da década de 1960 e a primeira metade da década de 1970, quando o movimento foi aniquilado pelo exército. Há relativamente pouco conhecimento histórico sobre o tema, uma vez que os arquivos oficiais estão

³ “De hecho, algunas de estas novelas históricas hacen reflexionar sobre la posibilidad de conocer e reconstruir el pasado histórico; otras recuperan los silencios o el lado oculto de la Historia, mientras que otras presentan el pasado histórico documentado y reconocido desde una perspectiva diferente, no familiar” (Tradução nossa).

protegidos por vários decretos federais que proíbem consultas. Além disso, tanto os militares que participaram da repressão quanto os guerrilheiros que sobreviveram não costumam falar do episódio. O silêncio também se fazia na ficção, e é provável que Adriana Lisboa tenha sido, como declarou acreditar⁴, a primeira escritora a abordar o assunto. E põe isso nas palavras da narradora, que questiona Fernando sobre o motivo de ele haver entrado para a guerrilha. Ele devolve a pergunta: ela quer falar mesmo daquele assunto? Ela diz que sim, e reflete:

Eu estava mesmo querendo falar daquele assunto. Muita gente não estava, era um assunto que ficava melhor fora da história oficial, mas a dúvida às vezes roí como um bicho. E ela roía, sim, uma pequena e paciente traça caminhando por entre letras, números e carimbos dos arquivos da guerrilha mantidos secretos pelas Forças Armadas (LISBOA, 2010, p. 85).

Lisboa (2010) foi atrás das informações disponíveis, queria se embasar em dados já comprovados. “Para mim, é difícil fazer romance histórico, e foi difícil fazer a pesquisa da guerrilha do Araguaia (*para o Azul-corvo*). Me senti na obrigação de respeitar coisas que talvez preferisse inventar”, contou em entrevista ao jornal *Rascunho*.

O texto intercala a narrativa da amizade entre Vanja e Fernando (e também o vizinho, um garoto cujos pais são imigrantes ilegais) e a da época em que ele era guerrilheiro. Para isso, faz uma retrospectiva da Guerrilha do Araguaia. Fornece informações concretas do estabelecimento das bases guerrilheiras, uma delas no sul do Pará, próxima a São João do Araguaia, onde Fernando foi alocado sob o codinome Chico e onde se apaixonou pela guerrilheira de codinome Manuela.

⁴ “O que a levou a abordar a Guerrilha no Araguaia? Era um assunto que me instigava desde adolescente, justamente por ser um tema evitado. Na escola, a Guerrilha no Araguaia era tratada *en passant*. Quando pensei no Fernando como exilado, como alguém que saiu do Brasil tão desgostoso a ponto de nunca mais voltar, a ditadura foi a primeira coisa que me veio à cabeça, e o fato de ser um ex-guerrilheiro me pareceu inédito” (LISBOA, 2009).

O capítulo intitulado *Peixes* faz referências às ações do exército brasileiro denominadas Operações Peixes. Consta no capítulo que “No caso das Forças Armadas Brasileiras, o que batizava a operação era simples evocação da imagem da rede de pesca. Destinada a peixes subversivos. Peixes vermelhos que queriam – o quê? Transformar o Brasil em Cuba?” (LISBOA, 2010, p. 82).

Foi numa dessas operações, a Peixe III, que o exército prendeu o futuro deputado federal e futuro presidente do Partido dos Trabalhadores José Genoíno. Na retrospectiva para contextualizar a trajetória de Fernando, Vanja descreve a prisão de Genoíno:

Pelo sim, pelo não, desconfiaram do nordestino que vinha um pouco apressado demais por uma picada, certa manhã. Pararam o sujeito e pediram explicações, as explicações não foram suficientes e o nordestino, na verdade o militante Geraldo, foi preso, submetido a tapas e afogamentos e obrigado a ficar em pé sobre latas abertas. Encontram com ele um papel que dizia C: exército na área. Cmte. B. A perdição. Em Brasília, dias mais tarde, ficaram sabendo que o nome verdadeiro daquele tal de Geraldo era José Genoíno Neto, o comunista que andava clandestino havia quatro anos. Fazia três que ele vivia ali, no Araguaia, aprontando a guerrilha (LISBOA, 2010, p. 117).

A escritora conta também como acabou a guerrilha. A Operação Marajoara, em 1974, que visava, e conseguiu, a “destruição total do inimigo”. Execução sumária dos guerrilheiros. “Todos foram morrendo, um a um. Alguns simplesmente desapareceram, mas desaparecimento era um dos codinomes da morte. Era outro jeito de pronunciá-la” (LISBOA, 2010, p. 207).

Para “limpar as próprias pegadas”, os militares resolveram desenterrar na mata os cadáveres comprometedores e queimá-los. Afinal, “era preciso matar e depois matar as mortes, digamos. Era preciso matar a história. Matar a memória e alguma consciência com gordurinhas inconvenientes” (LISBOA, 2010, p. 206-207).

Nesta época, Fernando já não fazia mais parte da guerrilha. Ele não via futuro no movimento e desertou. Desertou sozinho, abandonando Manuela, que não

toparia fazer o mesmo. Ela foi capturada pelos militares. Seu corpo nunca foi encontrado. Fernando ficou um tempo no Brasil, então foi para a Inglaterra e, em seguida, para os Estados Unidos, onde acabou trabalhando como segurança numa biblioteca pública, além de ganhar algum dinheiro extra como faxineiro.

Nós que nos amávamos tanto...

Em *A memória, a história, o esquecimento*, Paul Ricoeur desconstrói a ideia de que a memória se presta simplesmente a ser matriz da história. Por essa visão tradicional questionada pelo teórico, a historiografia reelabora a memória recuperando documentos e testemunhos escritos para então os organizar e explicar através de uma narrativa. Para Ricoeur, porém, a memória coletiva é também “instruída” pela história; a memória se apropriaria da construção narrativa efetuada pela historiografia. Assim, o discurso histórico também pode ser “um ato de fazer memória”. O discurso histórico seria “um prolongamento crítico da memória tanto pessoal quanto coletiva”. De acordo com o pensador:

Ora, a fenomenologia da memória, já na época de Platão e Aristóteles, propôs uma chave de interpretação do fenômeno mnemônico, a saber, o poder da memória de tornar presente uma coisa ausente ocorrida anteriormente. Presença, ausência, anterioridade, representação formam assim a primeiríssima cadeia conceitual do discurso da memória (RICOEUR, 2010, p. 241).

Numa conferência de 2003 (três anos após a publicação do livro), o autor aborda outra vez a questão, mas em vez de centrar suas reflexões na elaboração da narrativa histórica, privilegia o ponto de vista “da escrita para a leitura [...], da elaboração literária do trabalho histórico para a sua recepção” (RICOEUR, 2003, p. 1).

O pensador reafirma que o modo como se lê uma narrativa histórica contribui para a construção ou transformação da memória. Mas não só. A memória também se nutre de obras assumidamente ficcionais:

A memória coletiva não está privada de recursos críticos; os trabalhos escritos dos historiadores não são os seus únicos recursos de representação do passado; concorrem com outros tipos de escrita: textos de ficção, adaptações ao teatro, ensaios, panfletos e igualmente modos de expressão não escrita (RICOEUR, 2003, p. 5).

Em *Nada a dizer*, de Elvira Vigna, não há discurso histórico preponderante. A autora faz ficção – história –, e não História. Porém no romance, narrado por uma mulher à beira dos 60 anos, cujo marido se envolve com uma amante 20 anos mais jovem, fica claro “o poder da memória de tornar presente uma coisa ausente”. É a memória da narradora que não deixa a dor da traição sofrida ausentar-se. É através da memória que ela tenta dissecar todos os momentos do envolvimento de Paulo, seu marido, com N., a amante. A narrativa segue o ritmo da memória, o ritmo dos pensamentos de uma narradora que passa e repassa fatos e tenta compreendê-los, como se fosse uma historiadora de si mesma. Talvez porque, como ressalta Ricoeur, apesar de às vezes pouco confiável, a memória é tudo de que dispomos para compor o passado. Desesperadamente, a narradora do livro de Elvira Vigna examina o seu passado. Tenta juntar peças. Constata que a traição de Paulo não é apenas conjugal.

Ela e Paulo tinham sido jovens que queriam mudar o mundo. Militavam na esquerda brasileira. Quando se conheceram,

Paulo morava numa república com mais umas dez ou doze pessoas, e eu num apartamento que era o meu, com mais outras tantas. Ele sócio num grupo de teatro, eu sócia numa editora - grupo de teatro e editora juntando pessoas com os mesmos modelos de roupa rasgada, o mesmo hábito de beijar na boca e ir para a cama com novas paixões que pipocavam os dias (VIGNA, 2010, p. 26).

Faziam o que tinham vontade. Juntaram-se. Combinaram de ficar juntos. Mas ser diferentes. Alternativos. Criar filhos menos consumistas. Com outros valores. Sem mentiras. Foi o que tentaram. Mudaram várias vezes de cidade. De país. Trabalhando no que conseguiam. Tiveram até um sítio. Quando o relato começa, eles tinham acabado de se mudar para São Paulo “de repente, que era

como decidíamos as coisas. Vontade, desde sempre. Até que um dia dissemos Vamos?” (VIGNA, 2010, p. 21).

A amante de Paulo era o contrário disso. Segundo a narradora, N. era acumulativa, queria a “imobilidade, a permanência”, vinha de família rica e “se movia, muito segura de si, num ambiente de burguesia fechada, satisfeita consigo mesmo, sem questionamentos políticos ou sociais de tipo algum” (VIGNA, 2010, p. 42). Essas percepções levam a narradora a sentir uma ambiguidade de julgamento em relação ao caso de Paulo: “Lutamos pela liberdade em nossa juventude. Não posso criticá-lo por querer outra mulher. Mas vejo a desistência, o cinismo nesse achar que tudo bem manter a amante e a mim, separadas uma da outra” (VIGNA, 2010, p. 43).

Também podemos fazer uma interseção entre o romance de Vigna e *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*, de Zygmunt Bauman. O livro do sociólogo polonês é um compêndio das relações amorosas na modernidade, quando “relacionamentos são investimentos como quaisquer outros, mas será que alguma vez lhe ocorreria fazer juras de lealdade às ações que acabou de inquirir?” (BAUMAN, 2004, p. 29).

Em determinado ponto de *Nada a dizer*, a narradora conta que seguia um curso de história da arte, e o professor, numa das aulas, diz algo com o qual Bauman concordaria, que esta é uma época de “amores vagabundos”: “Falava do barroco, e da complexidade emocional que acompanhava e legitimava as expressões de cada anjinho. Dizia que tendíamos, no presente, a ver tais expressões como uma coisa só. Que nosso acervo de sentimentos tinha diminuído” (VIGNA, 2010, p. 108).

A narradora conta que então assentia com a cabeça, concordando que vagabundos, sim, os amores dos outros, mas não o dela. O dela e de Paulo. Eles tinham cumplicidade. Porém, como o livro, mostra, ela descobre que a distância entre ela e seu marido é insuportavelmente grande.

Bauman afirma que no “líquido mundo moderno”, na cultura consumista em que vivemos, em que se favorece o produto pronto para o uso imediato, também se exalta “o prazer passageiro, a satisfação instantânea, resultados que não exijam esforços prolongados, receitas testadas, garantias de seguro total e devolução de dinheiro”. Para ele,

A promessa de aprender a arte de amar é a oferta (falsa, enganosa, mas que se deseja ardentemente que seja verdadeira) de construir a “experiência amorosa” à semelhança de outras mercadorias, que fascinam e seduzem exibindo todas essas características e prometem desejo sem ansiedade, esforço sem suor e resultado sem esforço (BAUMAN, 2004, p. 21).

O que a narradora de *Nada a dizer* constata é que Paulo se rendeu ao consumismo amoroso:

Mas eu continuava sem entender como ele podia meter o pau dele em qualquer buraco, só porque podia. Não exatamente porque queria. Mas porque podia. Porque era esse o ponto não dito, e não dito não porque não pudesse ser dito, não por eu deixar de oferecer acolhida para que fosse dito. Não era dito porque ele, Paulo, não dizia isso nem para si mesmo.

Ele fazia porque podia.

Assim simples. Assim capitalista. Assim quanto-mais-melhor (VIGNA, 2010, p. 106).

Há coisas, contudo, que ela não diz a si mesma. A principal é que a traição — não a amorosa, mas a dos ideais —, não é só de Paulo. Que é também dele, ela nos deixa claro. No começo do livro, Paulo vai ver um amigo das antigas, que agora lhe vende maconha vez ou outra. O nome do amigo é Pedro Correa, mas todos o chamam de Pecê. Ele foi “mais bem sucedido que Paulo no emprego que compartilharam por alguns anos na multinacional. Nela, qualquer que fosse o cargo, o importante era ostentar perfil adequado à venda. Marketing” (VIGNA, 2010, p. 10). Ou seja, o militante de esquerda, o jovem que queria mudar o mundo e que teve várias profissões para poder usufruir a liberdade e viver em

várias cidades, engaja-se por alguns anos no departamento de marketing de uma multinacional.

Pecê é uma alcunha ironicamente bem representativa, e a narradora faz questão de dizer que “se Paulo fosse dado a pensamentos, aqui também haveria um. Pois o PC, Partido Comunista, no qual Paulo militara em sua juventude, se via assim transformado num aposentado rico, que curtia maconha menos do que dizia curtir [...]” (VIGNA, 2010, p. 9).

Entretanto, ela própria faz algo de que teria vergonha na juventude. Traduz textos para uma farmácia de manipulação que exporta extratos da flora brasileira para a Europa, além de criar o *design* dos rótulos das embalagens. Não há, da parte dela, questionamento sobre o que representa essa “exportação da flora brasileira”. Ademais, muito de seu sustento – e de Paulo e dos filhos, já que todos trabalham juntos numa empresa familiar de tradução – vem de um contrato com uma grande companhia.

Desencanto

Para Zuenir Ventura (1988, p. 14), o melhor legado da juventude de 1968 “não está no gesto – muitas vezes desesperado; outras, autoritário – mas na paixão com que foi à luta, dando a impressão de que estava disposta a entregar a vida para não morrer de tédio”. É uma afirmação bonita, quase encantada, que contrasta com o desencanto que é mostrado pelos personagens de *Azul-corvo* e *Nada a dizer*.

Gostaríamos de evidenciar aqui que *Azul-corvo*, apesar de não poder ser considerado um romance histórico, cumpre uma das funções desse subgênero, que é, conforme já citamos: “reconstruir o passado histórico; outros recuperam

os silêncios ou o lado oculto da história”⁵ (PONS, 1996, p. 16). Defendemos que o romance joga uma luz sobre a penumbra que ainda esconde a Guerrilha do Araguaia, seja pelo fato de levantar a questão, seja por usar dados reais para contar a vida do fictício ex-guerrilheiro Fernando.

O personagem, todavia, após desertar da guerrilha, vai para o exterior e, mesmo quando acaba a ditadura, não retorna ao Brasil. Termina por morar num subúrbio dos Estados Unidos, a sede do capitalismo selvagem que ele combatia na juventude. Termina por “atravessar fronteiras e ideologias”, por se definir por um bordão: “A gente acaba se acostumando”: “Fernando entendia disso. De acabar se acostumando. No final de algum tempo eu já seria capaz de olhar para ele e ver o homem-que-se-acostumava” (LISBOA, 2010, p. 19).

Fernando, aquele que tinha se arrastado na lama congelada durante o treinamento preparatório em guerrilha na China, que tinha se apaixonado por uma companheira na base do Araguaia, agora era um tedioso e solitário funcionário qualquer no país mais capitalista do mundo:

Eu achava que Fernando não gostava de gente. Como segurança, na biblioteca, ele mantinha sempre aquele ar profissional e distante – o que não deve ser muito difícil, imagino, quando você é segurança. As pessoas não ficam se aproximando de você para bater papo (LISBOA, 2010, p. 61-62).

Após o Araguaia, após abandonar o codinome Chico e a companheira de guerrilha, ele nunca mais foi o mesmo. Segundo a narradora, “Chico não chegou mais uma vez bem perto de Manuela. Mateiro habilidoso que era, encontrou seu caminho para fora dali, para longe dali, para longe de tudo, de si mesmo inclusive” (LISBOA, 2010, p. 183).

⁵ “[...] reconstruir el pasado histórico; otras recuperan los silencios o el lado oculto de la Historia” (Tradução nossa).

Tampouco o casal de *Nada a dizer* conseguiu construir o seu mundo melhor. Na esfera doméstica, mostram-se como todos os casais dos modelos de relacionamento que eles combatiam. Encontram-se numa crise por adultério, um caso recheado de mentiras e “sexo bruto desavergonhado, bruto, sem prolegômenos” (VIGNA, 2010, p. 13).

A amante que envenena a vida do casal estaria do lado oposto nos conflitos de 1968. Como a narradora explica, “N. com sua atitude de que pivete tem mais é que morrer, que dinheiro tem mais é que se gastar, N., pelo seu perfil familiar e de classe social, pela sua biografia de garota rica do Leblon, seria o inimigo, fosse ela vinte anos mais velha” (VIGNA, 2010, p. 83).

Na esfera pública, o casal também depende de multinacionais que contratam seus serviços, o que os prende na “estrutura burguesa conservadora” contra a qual a narradora se vangloria de ter peleado:

Fomos nós os que fizemos sessenta anos no início do século XXI, os que lutaram e enfrentaram hostilidades de todo tipo para que pudéssemos viver, todos, do jeito que quiséssemos, trepando com quem quiséssemos, sem que as peias e o jugo de uma estrutura burguesa conservadora tivesse algo a ver com as decisões pessoais de cada um (VIGNA, 2010, p. 82).

A narradora parece se dar conta que ela e o marido, mesmo optando por uma vida alternativa em relação aos valores da sociedade tradicional, foram, de alguma forma, engolidos por aquela sociedade que desprezavam.

Considerações finais

Analizamos dois romances brasileiros de 2010, *Azul-corvo*, de Adriana Lisboa, e *Nada a dizer*, de Elvira Vigna, que enfocam personagens que fizeram parte da juventude que, em 1968, considerava-se à esquerda do espectro político e se empenhava em mudar as condições de vida no coletivo e no individual.

Salientamos a importância de *Azul-corvo* na construção de uma memória histórica da Guerrilha do Araguaia e abordamos o papel da rememoração como construção narrativa em *Nada a dizer*. Nosso objetivo principal, porém, foi verificar como a juventude idealista dos anos 1960 foi representada, agora chegando à terceira idade, nos romances analisados.

Quanto a isso, a consideração final emprestamos da narradora de do livro de Elvira Vigna. Quando convida uma amiga de juventude para visitá-la no novo apartamento, em São Paulo, a narradora surpreende-se ao constatar os abismos que se abriram entre elas. É porque o convite foi feito “sem me lembrar de algo que sempre esqueço, que o mundo tinha mudado e as pessoas mais ainda” (VIGNA, 2010, p. 22). O mesmo se pode inferir após a leitura de *Nada a dizer* e de *Azul-corvo*.

O mundo mudou. No campo político, a União Soviética não existe mais, a ditadura brasileira caiu, a esquerda até chegou ao poder pelo voto. Em outros campos, alguns tabus também caíram, os hábitos são outros, a globalização digital dita as normas. Mas nesse não tão admirável mundo novo as pessoas mudaram mais ainda. A narradora de *Nada a dizer* percebe que ela e o marido, em vários níveis, levam uma vida que os envergonharia os jovens contestadores que um dia foram. Assim como Fernando, de *Azul-corvo*: o guerrilheiro de treinado pelos comunistas, fugiu para a Inglaterra e acabou, quem diria, nos Estados Unidos, trabalhando de segurança e faxineiro. Para os personagens dos romances analisados, podemos dizer que, ao contrário do que sugere o título do livro de Zuenir Ventura, o “apaixonado e apaixonante” ano de 1968 terminou.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Tradução de Carlos Alberto. Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

- CERTEAU, Michel de. *A escrita da História*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.
- LISBOA, Adriana. *Azul-corvo*. São Paulo: Rocco, 2010.
- LISBOA, Adriana. Entrevista a Suzana Uchôa Itiberê. *Revista Isto É Gente*, São Paulo, dez. 2009. Disponível em: <<http://www.terra.com.br/istoegente/edicoes/580/artigo189292-1.htm>>. Acesso em: 18 fev. 2019.
- LISBOA, Adriana. Paiol literário com Adriana Lisboa. *Jornal Rascunho*, Curitiba, fev. 2010. Disponível em: <<http://rascunho.gazetadopovo.com.br/adriana-lisboa/>>. Acesso em: 20 jun. 2018.
- MENTON, Seymour. *Latin America's New Historical Novels*. Austin: University of Texas, 1993.
- PONS, María Cristina. *Memoria del olvido: Del Paso, García Márquez, Saer y la novela histórica de fines del siglo XX*. Ciudad de México: Siglo Vinte Uno, 1996.
- REIS, Carlos. *O conhecimento da Literatura: introdução aos Estudos Literários*. Coimbra: Almedina, 2001.
- RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução de Alain François. Campinas: Unicamp, 2010.
- RICOEUR, Paul. Memória, história, esquecimento. Palestra proferida em 8 de março de 2003, em Budapeste, sob o título "Memory, history, oblivion", no evento intitulado *Haunting Memories? History in Europe after Authoritarianism*. Disponível em: <http://www.uc.pt/fluc/uidief/textos_ricoeur/memoria_historia>. Acesso em: 4 jul. 2018.
- VENTURA, Zuenir. *1968: o ano que não terminou*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.
- VIGNA, Elvira. *Nada a dizer*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- CERTEAU, Michel de. *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense, 2000.

Recebido em: 4 de julho de 2018.
Aprovado em: 22 de janeiro de 2019.